



PROJECT MUSE®

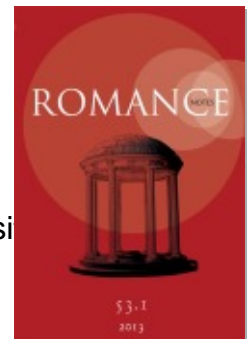
Primórdios da poesia em computador - anos 60, 70 e 80 do século XX

Pedro Reis

Romance Notes, Volume 51, Number 3, 2011, pp. 293-304 (Article)

Published by The Department of Romance Languages and Literatures, The University of North Carolina at Chapel Hill

DOI: 10.1353/rmc.2011.0036



➔ For additional information about this article

<http://muse.jhu.edu/journals/rmc/summary/v051/51.3.reis.html>

PRIMÓRDIOS DA POESIA EM COMPUTADOR – ANOS 60, 70 E 80 DO SÉCULO XX

PEDRO REIS¹

1. IDEALIZAÇÕES DE “MÁQUINAS TEXTUAIS”

A história literária, considerando em particular a produção poética, regista algumas experiências cuja intenção é a de interferir na noção ocidental de livro, com o intuito de promover uma certa libertação dos constrangimentos tradicionalmente impostos pela materialidade da escrita. Neste contexto, o recurso a processos criativos alicerçados em estratégias aleatórias, combinatórias ou permutacionais tem-se revelado uma das formas de perseguir esse objectivo.

2. OS PRIMEIROS PASSOS DA POESIA EM COMPUTADOR – A DÉCADA DE 60

Os primeiros passos da poesia em computador registram-se no fim dos anos 50 e no princípio dos anos 60 do século xx, num conjunto de países avançados tecnologicamente, nos quais o computador está já presente na indústria, nos centros de pesquisa e nas universidades.

Nos Estados Unidos, no final da década de 50, Brion Gysin realiza permutações, experiências com gravadores audio e *cut-ups*, técnica que também se encontra em William Burroughs, com óbvia relação igual-

¹ Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade-COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto “PO.EX’70-80 – Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, com a Ref^o PTDC/CLE-LLI/098270/ 2008”, desenvolvido no CECLICO-Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento, da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

mente com a música concreta e electrónica já bastante cultivada naquela época, com a intenção de “fazer as palavras falarem por si mesmas,” como lembra Jacques Donguy, no ensaio “Poésie et ordinateur” (135-47). Com a ajuda do matemático Ian Sommerville, Gysin compõe um poema permutacional, “I am that I am,” a partir de um computador Honeywell, em 1958.

Aqui, um conjunto limitado de elementos (palavras), combinados aleatoriamente, sem qualquer restrição estrutural (gramatical ou outra), forma uma composição textual de dimensão reduzida (verso). A obra resulta naturalmente de uma sucessão de versos que, gerados de forma aleatória, actualizam múltiplas possibilidades de combinação desses elementos:

| | | | | |
|------|------|------|------|------|
| I | AM | THAT | I | AM |
| I | AM | I | THAT | AM |
| I | AM | AM | I | THAT |
| I | AM | THAT | AM | I |
| I | AM | I | AM | THAT |
| I | AM | AM | THAT | I |
| AM | THAT | I | AM | I |
| AM | THAT | AM | I | I |
| AM | THAT | I | I | AM |
| AM | THAT | I | I | AM |
| AM | THAT | AM | I | I |
| AM | THAT | I | AM | I |
| THAT | I | AM | I | AM |
| THAT | I | I | AM | AM |
| THAT | I | AM | I | AM |
| THAT | I | AM | AM | I |
| THAT | I | I | AM | AM |
| THAT | I | AM | AM | I |
| I | AM | I | AM | THAT |
| I | AM | AM | I | THAT |
| I | AM | THAT | AM | I |
| I | AM | THAT | I | AM |
| I | AM | AM | THAT | I |
| I | AM | I | AM | THAT |
| AM | I | I | THAT | AM |
| AM | I | THAT | AM | I |
| AM | I | AM | I | THAT |
| AM | I | I | AM | THAT |

| | | | | |
|------|----|------|------|------|
| AM | I | THAT | I | AM |
| AM | I | AM | THAT | I |
| THAT | AM | I | AM | I |
| THAT | AM | AM | I | I |
| THAT | AM | I | I | AM |
| THAT | AM | I | I | AM |
| THAT | AM | AM | I | I |
| THAT | AM | I | AM | I |
| AM | AM | I | THAT | I |
| AM | AM | THAT | I | I |
| AM | AM | I | I | THAT |
| AM | AM | I | I | THAT |
| AM | AM | THAT | I | I |
| AM | AM | I | THAT | I |
| I | I | AM | THAT | AM |
| I | I | THAT | AM | AM |
| I | I | AM | THAT | AM |
| I | I | AM | THAT | AM |
| I | I | THAT | AM | AM |
| I | I | AM | AM | THAT |

Figura 1. “I am that I am” (1958), de Brion Gysin (in Williams, ed. s/p).

Por seu turno, Carole McCauley, no seu livro *Computers and Creativity* (1974), menciona entre as primeiras produções de poesia em computador as realizadas na Europa, nomeadamente na Inglaterra, com os trabalhos de Alan Sutcliffe e na Alemanha, com os trabalhos realizados no âmbito do grupo de Estugarda, composto por poetas e académicos (Lutz, Nake, Nees, Walther), no geral, inspirados pela estética de Max Bense e num ambiente de grande interdisciplinaridade. É deste contexto que emerge o trabalho realizado por Théo Lutz, em 1959, na Escola Politécnica de Estugarda.

O princípio de elaboração assenta numa combinação de signos, dois a dois ou três a três, originando uma sucessão de frases geradas aleatoriamente. Como explica Moles (179), as modificações nas ligações de ideias desencadeadas pela programação permitem obter aproximações de textos poéticos essencialmente sob o plano semântico. Desta forma, neste trabalho experimental, a preponderância é dada aos aspectos estéticos no sentido em que se procura desencadear modos de associação que se aproximem da força de evocação com que conotamos o pensamento poético:

AUTOPOEM NR. 303

WENN DIE DUNKELHEIT SPIELT, ERSTARRT
 EIN ABEND.
 GOLD UND SCHOENHEIT STRAHLEN
 MANCHMAL.
 ICH TANZE UND SINNE.
 OFT BERUEHRT MICH DAS GRAS.
 DIE GLOCKE WAECHST RAUH UND GOLDEN.
 PFADE UND BOTEN SIND DRUNTEN
 STUERMISCH.
 WER KUESST EINE PFLANZE?
 DER POET.

Figura 2. "Autopoem nr. 303" (1959), de Théo Lutz (in Barbosa, *A Ciberliteratura* 133; Moles 174).

No contexto destas experimentações poéticas, Nanni Balestrini, poeta italiano, combinou, no início dos anos 60, textos antigos e modernos, utilizando a capacidade de processamento do computador. Nos seus *Tape Mark I* e *Tape Mark II*, o autor processa digitalmente reportagens jornalísticas, poemas clássicos e outras fontes textuais, organizando-os segundo certas regras combinatórias, de modo a compor um painel fragmentário:

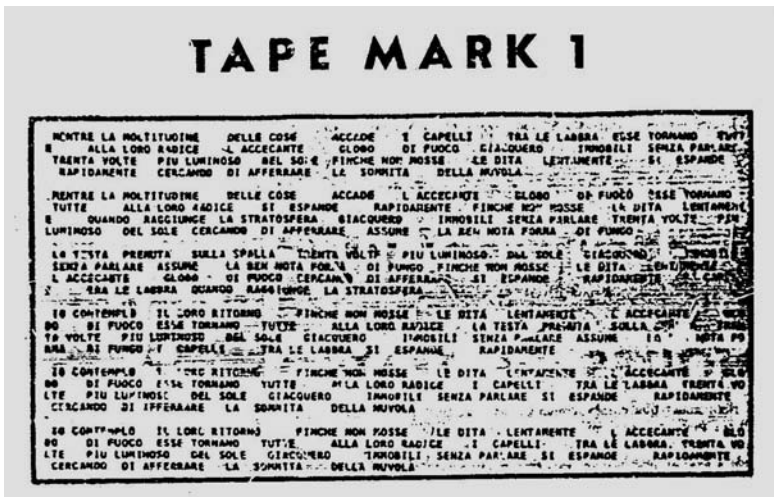


Figura 3. *Tape Mark I* (1961), de Nanni Balestrini (in Barbosa, *A Ciberliteratura* 51).

A respeito desta obra singular, Haroldo de Campos afirma:

Trata-se de juntar os humildes fragmentos, aparentemente disparatados, do nosso cotidiano, de projetar uma luz especial, através de arranjos sutis e irônicos, sobre esses aspectos fungíveis da realidade contemporânea que as manchetes de jornais, os anúncios, os pedaços de conversação entreouvados nos ônibus em movimento, etc., nos oferecem. (134)

O trabalho de Balestrini beneficia do tratamento probabilístico do computador para obter um resultado que, embora desconexo do ponto de vista lógico-semântico, podemos considerar de grande força evocativa. Com efeito, as descoordenações sintáticas e semânticas manifestam o carácter rudimentar da programação que originou o texto, mas a sua importância reside mais na exploração integral de um campo de possíveis, tornada exequível pelo computador, a demonstrar que esta linha de trabalho literário parece estar especialmente vocacionada para o tratamento informático. De facto, se o método combinatório na literatura não nasceu com a informática, estas experiências parecem demonstrar que esta pode reactualizá-lo e potenciá-lo.

Ainda nos anos 60, o poeta escocês Edwin Morgan, conhecido por ter participado no movimento da poesia concreta, interessou-se igualmente pelas potencialidades combinatórias dos computadores. Exemplificamos esta faceta do trabalho de Morgan através de um poema incluído em antologias de poesia concreta (Bann, ed. 174; Solt, ed. 210; Williams, ed. s/p). Trata-se de “The Computer’s First Christmas Card,” um poema permutacional realizado com o auxílio de um computador, em 1963, para o qual as palavras foram escolhidas em função das suas semelhanças ao nível das consoantes e vogais e das duplas consoantes e “y” e por aludirem à área semântica de “Christmas,” “joy,” “parties,” etc. Da estratégia permutacional, realizada com o computador, resultaram palavras inesperadas como “jerry,” palavra escocesa que designa uma espécie de berlinde de barro usado em certos jogos de crianças:

JOLLYMERRY
HOLLYBERRY
JOLLYBERRY
MERRYHOLLY
HAPPYJOLLY
JOLLYJELLY

JELLYBELLY
 BELLYMERRY
 HOLLYHEPPY
 JOLLYMOLLY
 MARRYJERRY
 MERRYHARRY
 HOPPYBARRY
 HEPPYJARRY
 BOPPYHEPPY
 Y
 BERRYJORRY
 JORRYJOLLY
 MOPPYJELLY
 MOLLYMERRY
 JERRYJOLLY
 BELLYBOPPY
 JORRYHOPPY
 HOLLYMOPPY
 BARRYMERRY
 JARRYHAPPY
 HAPPYBOPPY
 BOPPYJOLLY
 JOLYMERRY
 MERRYMERRY
 MERRYMERRY
 MERRYCHRIS
 AMMERRYASA
 CHRISMERRY
 ASMERRYCHR
 YSANTHEMUM

Figura 4. “The Computer’s First Christmas Card” (1963), de Edwin Morgan (in Bann, ed. 174; Solt, ed. 210; Williams, ed. s/p).

Uma outra experiência, que constitui uma das mais citadas, de entre as primeiras produções, foi a do engenheiro electrónico canadiano Jean Baudot, intitulada *La machine à écrire*, realizada em 1964. No princípio deste encontro entre poesia e computador, esta experiência foi, de facto, uma das que se tornou mais conhecida por ter-se realizado cedo e ter ficado sintetizada num livro impresso, onde também ficaram registadas opiniões de vários autores. O objectivo era o de promover a produção aleatória de frases, mediante uma gramática rudimentar e um pequeno léxico introduzidos no programa:

1. Les neiges ne quittent pas les fins.
2. L'automne et le champ transportent quelquefois une couronne.
3. Des permissions et le temps soyeux arrosent les voisinages, toutefois la cabane scolaire choisit peu l'ouvrier luisant dans une terreur incroyable.
4. Une commission malade et l'observation ne saisiront jamais une cave intense sous les sucres furieux.
5. Un orphelin imprudent et le visiteur enseveliront la cloche polie.
6. La dame difficile et l'automne ne pleurent pas dans le mois humide.
7. Des permissions et la dame finissent un morceau attentif.
8. Des paquebots circulaires et la province incroyable brillaient.
9. La planche touffue et le patron attrapent la caisse derrière une inondation modeste.
10. Une chambre et l'examen brisaient partout les machines monotones.

Figura 5. *La machine à écrire* (1964), de Jean Baudot (nossa selecção de frases a partir de Baudot, 1964. Ver também Barbosa, *A Ciberliteratura* 134-5; Vuillemin 19 e Moles 173).

Nas décadas seguintes assistiu-se a um aprofundamento desta linha de trabalho poético, em particular nos anos 80, ao verificar-se indícios de consolidação da tendência, como a formação de grupos, a publicação de antologias e a edição de revistas especializadas.

3. EM DIRECÇÃO À CONFIRMAÇÃO DE UMA TENDÊNCIA – AS DÉCADAS DE 70 E 80

Nos Estados Unidos, as diversas experiências realizadas justificaram a publicação, em 1973, da antologia *Computer Poems*, editada por Richard W. Bailey. Este livro pode ser considerado um passo em frente neste processo, já que se trata da primeira antologia de poemas produzidos com a ajuda do computador, incluindo dezassete autores dos Estados Unidos, Canadá e Grã-Bretanha, entre os quais Marie Borroff, Robert Gaskins, Louis T. Milic, Edwin Morgan e John Morris, podendo destacar-se duas tendências: poemas derivados da poesia concreta e *haikai*. Posteriormente à sua participação nesta antologia, já em 1987, Robert Gaskins continuava o seu trabalho de poesia assistida por computador, com um programa destinado a gerar poemas equivalentes aos *haikai*, os quais pareciam prestar-se à formalização informática quer pelo seu sintetismo quer pelo seu esquematismo formal. Eis dois exemplos resultantes desta tentativa de programar em computador formas poéticas inspiradas nos *haikai* japoneses:

Wandering in mist
 Reaching out to soft sunlight
 Blue-scaled dragons pause

 Elk in mountain pass
 Old man is speaking of snow
 Lonely city, pale

Figura 6. *haikai* (1987), de Robert Gaskins (in Donguy, “Poésie sur ordinateur...” 20).

Em 1976, Ángel Carmona publica, em Barcelona, *Poemas V2 – Poesía compuesta por una computadora*. Trata-se, de um pequeno volume impresso em *offset*, que reproduz com fidelidade, em papel listado e sem qualquer retoque ulterior, o produto obtido directamente da máquina.

O programa admite como alimentação um conjunto de estruturas fráscas definidas (16 frases-tipo) em articulação com um arquivo (um ficheiro de 470 palavras) de modo a produzir, com base numa rotina aleatória, séries diferenciadas de frases. De notar a iteração de estruturas fráscas sempre renovadas por novos fornecimentos de palavras, de que podemos salientar no excerto fornecido o seguinte exemplo: 1) “El trágico instante del pensar”; 2) “El fantástico minuto del pensar;” acompanhados de outros resultados que ocorrem noutras momentos deste longuíssimo texto, tais como 3) “El fantástico momento del pensar”; 4) “El triunfal instante del final”; ou ainda 5) “El fantástico momento del dolor” (Fig.7).

No início da década de 80, surgiu, em França, um grupo, A.L.A.M.O. (Atelier de Littérature Assistée par la Mathématique et les Ordinateurs), criado por Paul Braffort e Jacques Roubaud, tendo por objectivo dedicar-se exclusivamente ao par literatura/informática. Nesta data, o desenvolvimento tecnológico possibilitou que o projecto potencial evoluísse para uma outra concepção de texto, um texto imaterial, considerando que a literatura com o auxílio da informática seria, a par dos modos de escrita mais convencionais, uma das vias pela qual também evoluiria certamente a literatura. Com isto, este grupo acentuava a tendência de lançar as bases de uma literatura electrónica, propondo as primeiras formas e a reavaliação do estatuto dos actantes. Tratava-se do primeiro grupo organizado de escritores e informáticos cujo projecto era: “utiliser, de toutes les façons possibles, et sans aucune exclusive préalable, l’ordinateur au service de la littérature” (Alamo cit. in Carreño 10).

As realizações alamianas permite-nos constatar que o grupo procedeu a uma intensa pesquisa literária, teórica e informática.



Figura 7. “Poemas V2” (1976), de Ángel Carmona (in Barbosa, *A Ciberliteratura* 127).

Algumas destas experiências refletem a tentação de infinito que se deseja obter através de uma textualidade em perpétua gestação. A combinatória, por exemplo, tem sido uma estratégia empregue por alguns autores ao longo da história literária com vista à prossecução desse objectivo, o desejo de eternidade da palavra, que podemos encarar, como também sustenta Balpe (37), não como um “fantasma de completude,” mas como um “fantasma de continuidade.” O objectivo almejado não é, pois, escrever num único texto tudo o que poderia ser escrito, mas fazer com que a produção literária nunca termine, que o texto possa gerar texto infinitamente. Não se trata, portanto, de querer dizer tudo num só texto, mas de poder não deixar de dizer.

Estes trabalhos inauguram um novo contexto comunicacional para o literário, solicitando a exploração das potencialidades oferecidas pelo

medium electrónico, o que constitui uma característica fundante da literatura electrónica da actualidade. Os trabalhos destes autores e grupos contribuíram, assim, para desbravar um novo caminho para a produção literária, como refere William Winder:

Un grand nombre de chercheurs restent convaincus que les systèmes informatisés feront un jour une belle carrière dans les lettres. (...) tout indique que l'écrivain assumera bientôt le rôle d'un pilote d'une machine de production littéraire. (209)

Em Portugal, Pedro Barbosa tem vindo a desenvolver, desde 1975, uma criação literária assistida por computador. Da fase inicial da então designada “literatura cibernética” até ao relativamente recente “motor textual,” passando pelas “máquinas pensantes” ou pelo “livro electrónico,” trata-se de um percurso de já várias décadas de experimentação electrónica que se distribui por três áreas literárias distintas: 1) o texto poético: em direcção a uma “máquina lírica,” 2) o texto narrativo: em direcção a uma “máquina de gerar histórias” e 3) o texto aforístico: em direcção a uma “máquina de emaranhar ideias.”

No domínio dos geradores automáticos, o autor desenvolveu um sintetizador de textos, “Sintext,” dotado de um elevado grau de interactividade. Com o “Sintext,” Barbosa, com o apoio de engenheiros (Abílio Cavalheiro com quem elaborou uma versão para o sistema operativo DOS, em 1996, e José Manuel Torres com quem desenvolveu uma versão para Windows, em 2000), apresenta ao leitor uma estrutura textual em estado potencial, deixando-lhe a liberdade de explorar efeitos semânticos a dois níveis. Num primeiro nível, o “Sintext” é um gerador automático que relaciona o texto virtual, enquanto estrutura literária, com um motor informático que a põe a funcionar. Deste modo, os textos existem no computador em estado potencial, sem um sentido predefinido, sendo o programa a entidade geradora de textos numa multiplicidade infinita, o que implica dois estádios textuais, que Pedro Barbosa, em *A Ciberliteratura* (22), designa por “texto-matriz” e os “múltiplos variaçionais.” Num segundo nível, o programa apresenta uma componente interactiva, pressupondo a participação do leitor na co-criação de cada texto final, mediante um processo simultâneo de escrita e leitura, a “escrileitura,” segundo Barbosa (10), que nos permite compreender melhor como, com este tipo de literatura, se encontra alterada a relação tradicional entre autor e leitor, dado que este, transformado verdadeira-

mente em “escriteor,” pode inclusive introduzir o seu próprio léxico na estrutura textual disponibilizada e, em certo sentido, escrever os seus próprios poemas, configurando uma nova situação comunicacional na qual o autor propõe e o leitor dispõe, efectivamente.

Como acabamos de ver, verificaram-se diversas tentativas de utilização criativa do computador para gerar textos de cariz poético, embora tenhamos de reconhecer que algumas vezes não passaram de experiências pontuais, mais ou menos individualizadas, esparsas e, portanto, sem carácter sistemático. No entanto, noutros casos trata-se de um trabalho continuado de exploração das potencialidades criativas do computador tanto por autores individuais como por grupos de autores que se reúnem em ateliers de criação literária, operando em conjunto com vista à prossecução de objectivos estéticos partilhados pelos seus membros. Diversas circunstâncias facilitadoras da ligação da literatura às novas tecnologias, como a crescente facilidade de acesso, a generalização do seu uso e as intrigantes implicações para o sistema literário que resultam da sua utilização, têm contribuído para que nos últimos anos estas experiências percam cada vez mais o seu carácter pontual e intransitivo para se afirmarem antes como uma verdadeira tendência de criação literária.

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA, PORTO, PORTUGAL

REFERÊNCIAS CITADAS

- Bailey, Richard W., ed. *Computer Poems*. Michigan: Protagonnising Press, 1973.
- Balpe, Jean-Pierre. “La tentation de l’infini.” *Littérature et technologie*. Eds. Bessière, Jean e Hans George Ruprecht. Paris: Lettres Modernes, 1989. 33-40.
- Bann, Stephen, ed. *Concrete Poetry: An International Anthology*. Londres: London Magazine, 1967.
- Barbosa, Pedro. *A Literatura Cibernética 1: autopoemas gerados por computador*. Porto: Edições Árvore, 1977.
- . *A Literatura Cibernética 2: um sintetizador de narrativas*. Porto: Edições Árvore, 1980.
- . *Máquinas Pensantes: aforismos gerados por computador*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- . *A Ciberliteratura – Criação Literária e Computador*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.
- Baudot, Jean. *La machine à écrire*. Montréal: Éditions du Jour, 1964.
- Bessière, Jean e Hans George Ruprecht, eds. *Littérature et technologie*. Paris: Lettres Modernes, 1993.

- Bootz, Philippe, ed. *A: \ LITTÉRATURE* ∟. Lille e Villeneuve d'Ascq: Le Gerico-Circav e Mots-voir, 1994.
- Campos, Haroldo de. *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Carreño, Orlando. "Poésie et ordinateur: rencontre et enjeux." *A: \ LITTÉRATURE* ∟. Bootz, Philippe ed. Lille e Villeneuve d'Ascq: Le Gerico-Circav e Mots-voir, 1994. 5-16.
- Donguy, Jacques. "Poésie sur ordinateur: du textuel au virtuel, repères et perspectives." *A: \ LITTÉRATURE* ∟. Bootz, Philippe ed. Lille e Villeneuve d'Ascq: Le Gerico-Circav e Mots-voir, 1994. 17-22.
- . "Poésie et ordinateur." alire 10/*DOC(K)S* 13/14/15/16, série 3. Eds. Castellin, Philippe, Jean Torregrosa, Philippe Bootz e Jean-Marie Dutey. Ajaccio: Mots-voir e Akenaton, 1997. 135-47.
- McCauley, Carole Spearin. *Computers and Creativity*. Nova Iorque: Praeger Publications, 1974.
- Moles, Abraham. *Arte e Computador*. 1971. Trad. Pedro Barbosa. Porto: Afrontamento, 1990.
- Solt, Mary Ellen, ed. *Concrete Poetry: A World View*. Bloomington e Londres: Indiana UP, 1970.
- Vuillemin, Alain. *Informatique et littérature (1950-1990)*. Paris e Genebra: Champion-Slatkine, 1990.
- Williams, Emmett, ed. *An Anthology of Concrete Poetry*. Nova Iorque: Something Else Press, 1967.
- Winder, William. "Le robot-poète: littérature et critique à l'ère électronique." *Littérature, Informatique, Lecture – De la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive*. Eds. Vuillemin, Alain e Michel Lenoble. Limoges: Presses Universitaires de Limoges (PULIM), 1999. 187-213.